
JUVENTUDE E TRABALHO: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DO QUE PENSAM OS JOVENS A RESPEITO DO TRABALHO EM JUIZ DE FORA/MG.

Mariana Souza Freitas
Graduanda em Geografia - UFJF
nanafreitasf@hotmail.com

RESUMO:

Esse artigo tem como finalidade traçar um paralelo entre jovens de diferentes perfis socioeconômicos de Juiz de Fora/MG com o intuito de entendermos quais os sentidos e representações que os jovens tem sobre o trabalho. Utilizando as entrevistas e os gráficos do banco de dados do NuGEA, pudemos fazer uma análise preliminar das perspectivas e aflições dos jovens que pretendem se inserir no mercado de trabalho, buscando entender as diferentes formas de visão sobre o tema e a relação entre os anseios por trabalho e a sua inserção na cidade de Juiz de Fora.

Palavras-chave: jovens –trabalho – qualificação.

ABSTRACT:

This article aims to draw a parallel between young people from different socioeconomic profiles in Juiz de Fora-MG in order to understand the meanings and the representations which young people have about job. Using interviews and graphics from NUGEA, we could make a preliminary analysis of the prospectations and afflictions of young people who intend to enter in the labor world, trying to understand the different points of view about the subject and the relations between the desires for work and its insertion in the city of Juiz de Fora.

Keywords: young people – work – qualification

1. Introdução

A composição da economia brasileira mudou sensivelmente, à medida que a sociedade deixou de ser basicamente agrária e passou a se tornar cada vez mais industrializada. Em resposta a essa mudança, a estrutura da força de trabalho também se alterou, com impactos profundos nas oportunidades de trabalho para os jovens.

Desde a Revolução Industrial, os jovens (em especial os pobres) se inserem no mercado de trabalho assalariado, com um duplo objetivo: contribuir para a renda familiar e ocuparem um lugar na sociedade. A aprovação de alguns direitos trabalhistas, a estabilização dos setores industriais e o crescimento do subemprego,

do mercado informal e mesmo o ilegal, contribuem para que esses jovens, mesmo que de forma precária e/ou desumana, estejam cada vez mais presentes no mercado de trabalho.

O trabalho é indicado, pelos jovens entrevistados, como um dos direitos mais importantes de cidadania, assim como um dos direitos essenciais dos quais deveriam ser detentores. Vale dizer que a centralidade do trabalho para os jovens não advém tão-somente do seu sentido denotativo, ainda que este seja relevante, mas resulta também, e sobremaneira, da sua urgência enquanto problema:

“(...) é, sobretudo enquanto um fator de risco, instabilizador das formas de inserção social e do padrão de vida, que o trabalho se manifesta como demanda urgente, como necessidade, no coração da agenda para uma parcela significativa da juventude brasileira.”
(GUIMARÃES, 2004, p.12)

Esse artigo é um recorte de um projeto realizado pelo Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação – NuGEA, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, intitulado “Jovens e a cidade: um estudo em Juiz de Fora”. A pesquisa teve como objetivo, analisar como jovens, entre 17 a 24 anos, de bairros diferentes compreendem a cidade, o seu bairro, por onde circulam, o porquê desta circulação, quais as perspectivas de futuro, dentre outras questões envolvendo a juventude, a cidade e seus usos.

Sendo assim, esse texto possui caráter comparativo buscando apresentar alguns apontamentos sobre as formas pelas quais os grupos de jovens, residentes em bairros de perfis sócio-econômicos distintos da cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata Mineira, percebem a questão do trabalho, como estão inseridos nesse mercado e se consideram a cidade como um bom lugar para trabalharem.

É importante ressaltar que as análises apresentadas aqui, foram feitas através da leitura que os jovens entrevistados têm de sua relação com a cidade.

A metodologia baseou-se em dois momentos. Num primeiro foi aplicado um questionário estruturado com perguntas que posteriormente foram quantificadas. Concomitantemente aos questionários foram realizadas entrevistas orientadas por um roteiro semi-estruturado. Para este último momento e com o intuito de organizar as informações e extrair as inferências que foram e ainda estão sendo discutidas durante a pesquisa, utilizamos os instrumentos metodológicos da análise de

conteúdo. Uma das suas funções, da análise de conteúdo, é possibilitar a leitura das entrelinhas dos discursos, o que se torna importante para entendermos os diversos aspectos do estudo proposto no referido trabalho. Sobre o conjunto de instrumentos metodológicos, contidos na análise de conteúdo, que se aplica a discursos diversificados, Bardin (2004, p.7) faz o seguinte comentário “o fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o calculo de freqüências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência”.

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem. A utilização dessa análise propicia regras de procedimentos objetivos expressos na forma quantitativa de calcular e comparar a freqüência de certas características de temas invocados, com o pressuposto de que, quanto mais frequentemente citadas mais importantes são para o locutor, sem, no entanto, desvalorizar, como diz a autora, a “fecundidade da subjetividade”. Incentiva a busca da compreensão para além dos seus significados imediatos e afasta o risco de empobrecimento da leitura, que comumente acontece quando se luta contra a evidência do saber subjetivo.

Sendo assim, a partir das entrevistas colhemos informações quantitativas e qualitativas que utilizaremos aqui com o objetivo de ilustrar, fundamentar e fomentar o debate a respeito do trabalho na juventude.

2. Emprego/desemprego em Juiz de Fora/MG

“Juiz de Fora tem pior índice de geração de emprego em março da história da Caged” é a manchete do dia 19 de abril de 2011 do link ‘notícias’ no site ACESSA.com. Segundo o texto da reportagem, Juiz de Fora amarga o pior índice de geração de trabalho no mês de março da história do Estudo de Evolução de Emprego realizado pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho (MTE) iniciado em maio de 2003 na cidade. O site Correio do Brasil, complementa que “a criação de novos postos de trabalho no mês de julho de 2011 em Juiz de Fora caiu 21% em relação ao sétimo mês do ano passado” e informa que:

O melhor desempenho em julho deste ano ficou por conta do setor de serviços que criou 501 postos, sendo o único ramo com saldo positivo entre os mais expressivos. Comércio e indústria da transformação ficaram estáveis. O primeiro perdeu três postos, enquanto o segundo ficou sem 33 vagas. A construção civil teve saldo negativo de -113, com variação de -1,22% em relação ao total de postos. A agropecuária ficou com o pior desempenho proporcional, com variação de -1,69 e perda de 20 vagas de emprego (Site Correio do Brasil, 2011).

Em julho deste ano, o saldo entre admissões e desligamentos foi de 329, com variação de 0,26% em relação ao número total de carteiras assinadas.

As notícias mostram que Juiz de Fora não vive uma boa fase no setor de emprego. No setor de serviços, que apresenta um papel de destaque na geração do emprego, a maioria dos segmentos que o compõem é de baixa remuneração. O comércio e as indústrias, setores que geralmente são ocupados pelos jovens de menor renda, perdeu algumas vagas, diminuindo a possibilidade de inserção no mercado de trabalho. E os setores de construção civil e agropecuária diminuíram as ofertas de emprego e aumentaram o número de demissões comparado com os anos anteriores.

3. Trabalho e emprego: breve distinção conceitual

Antes de qualquer ponderação sobre o trabalho na juventude, cabe a nós diferenciarmos trabalho de emprego. De acordo com o dicionário Aurélio, de forma geral, trabalho consiste na aplicação das forças humanas para alcançar determinado fim. É também entendido como a atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. A noção de emprego assemelha-se a um conjunto onde o subconjunto é o trabalho. É a maneira de prover a subsistência mediante ordenado, salário ou outra remuneração a que se faz jus pelo trabalho regular em determinado serviço (Aurélio, 2004).

“No capitalismo, o trabalho somente se realiza como social pela via da participação no mercado de trabalho. E, da mesma forma, a inserção social – como sujeito individual ou coletivo, embora alienado, depende da via do assalariamento, portanto do emprego”. (CASSAB, 2004, p. 293)

O ingresso no mundo do trabalho constitui-se, tradicionalmente, em um dos principais marcos da passagem da condição juvenil para a vida adulta. No entanto, nas últimas décadas, em função de intensas transformações produtivas e sociais, ocorreram mudanças nos padrões de transição de uma condição à outra. Enormes são as dificuldades dos jovens em conseguirem uma ocupação, principalmente em obter o primeiro emprego, dado o aumento da competitividade, da demanda por experiência e por qualificação no mercado de trabalho. Com isso, a transição para a vida adulta tem sido retardada.

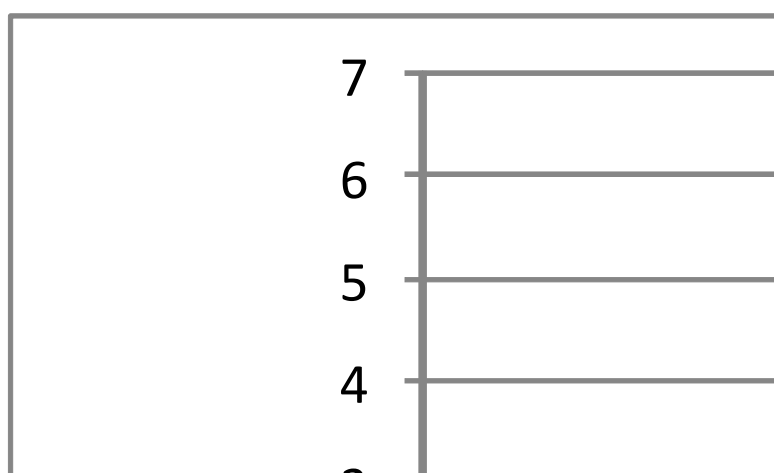
4. Relação entre estudo, trabalho, juventude e cidade

No primeiro gráfico (Gráfico I – Escolaridade) podemos perceber que os jovens dos bairros Bom Pastor e Granbery possuem maior nível de escolaridade que os dos bairros Santo Antônio e Vila Esperança II.

Os jovens de baixa renda se apresentam em maior número no Ensino Fundamental, Ensino Médio Incompleto e Ensino Médio Completo e os jovens de maior renda ocupam em maior quantidade as categorias de Ensino Superior Incompleto e Completo.

Um dado importante, é que Juiz de Fora serve de “cidade pólo” para as cidades ao redor, quando relacionada à oferta de serviços. Sendo assim, muitos jovens, que possuem maior renda, vêm para Juiz de Fora à procura de qualificação na vida profissional. R, de 22 anos morador do bairro Granbery afirma que: “aqui é um campo de estudo, as pessoas vem pra cá de outras cidades menores pra estudar, acho que eles focam muito isso aqui em Juiz de Fora, porque aqui tem varias faculdades vários colégios. O que movimenta Juiz de Fora são os estudantes.” (R. entrevista ao NuGEA, 2010).

Gráfico I – Escolaridade



Fonte: Banco de dados do NuGEA.

Cabe ponderar que o fato dos jovens de maior renda terem maior escolarização, não garante automaticamente a eles o ingresso em bons postos de trabalho, pois o incremento na oferta de mão-de-obra qualificada não segue necessariamente o mesmo ritmo do aumento na demanda por profissionais qualificados (CASTRO e AQUINO, 2008). Esses jovens, em sua maioria, utilizam o estágio acadêmico como uma forma de trabalho, pois encaram o estágio como um complemento da profissão, melhorando o currículo e o capacitando para o mercado de trabalho.

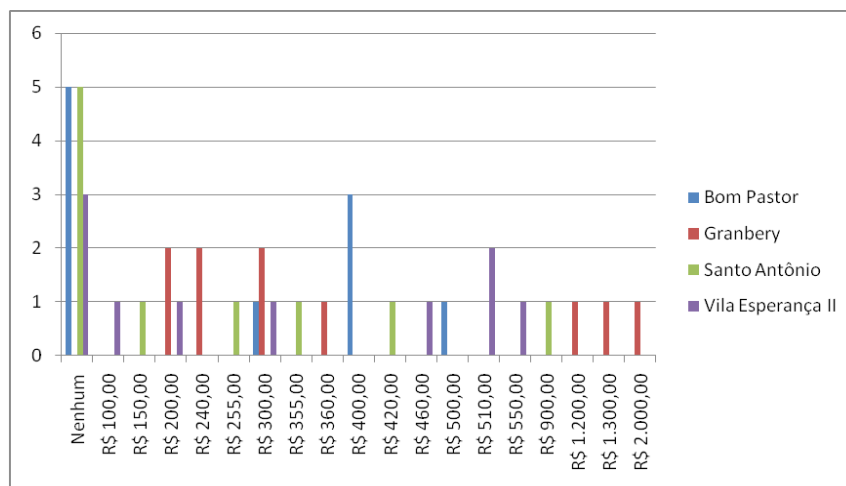
São muitos os obstáculos enfrentados pelos jovens que conseguiram ingressar no mercado de trabalho e pelos que ainda estão tentando encontrar nele um lugar: más condições, baixa remuneração, longa jornadas, dificuldade de conciliar trabalho e escola, altas taxas de desemprego e desajuste entre o estudo recebido e as exigências do mercado.

O Gráfico II – Renda Individual do Jovem mostra que os jovens de menor renda estão, em maior número, inseridos no mercado de trabalho quando comparados aos de maior renda.

Uma ponderação, para melhorar o entendimento do gráfico, é que os jovens do Granbery e Bom Pastor que aparecem marcados nos salários de R\$200,00, R\$240,00 e R\$360 reais são aqueles que possuem bolsas na Universidade Federal de Juiz de Fora. E aqueles que possuem renda de R\$300,00, R\$400,00 e R\$500,00 estão diretamente ligados a uma espécie de “mesada” que recebem dos pais. Ou seja, somente os que recebem R\$1200,00, R\$1300,00 e R\$2000,00 possuem vínculo empregatício.

Analisando o gráfico, percebe-se claramente que os jovens do Santo Antônio e Vila Esperança II estão envolvidos com empregos de baixos salários. E traçando um paralelo entre os dois gráficos apresentados aqui, podemos perceber que àqueles que estão inseridos no mercado de trabalho, em sua maioria, são os jovens de menor renda que colocam o emprego concomitante com os estudos ou como prioridade em suas vidas.

Gráfico II



Fonte: Banco de dados do NuGEA.

S. de 24 anos, moradora do bairro Vila Esperança II diz, a respeito de trabalho em Juiz de Fora, que: “a mão de obra aqui é barata, justamente por ter muita gente e a cidade tá ficando bastante cheia. O que acontece é que as empresas acabam mesmo se beneficiando com isso, porque as pessoas não têm outra opção né? Ou é esse salário, ou fica desempregado”. (S., entrevista ao NuGEA, 2010). Percebe-se que as trajetórias ocupacionais desses jovens têm sido marcadas pelo signo da incerteza: sem perspectiva de prosseguirem os estudos após o ensino médio, para se afirmarem socialmente, esses jovens ocupam as ofertas de emprego que aparecem, normalmente de curta duração e baixa remuneração, deixando pouca possibilidade de iniciarem ou progredirem na carreira profissional. Muitos jovens do Santo Antônio e Vila Esperança II sonham em conhecer a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Uma fala marcante das entrevistas foi a da S.: “eu tenho interesse em conhecer a Universidade, eu não conheço”, ou seja, a UFJF é um universo distante para esses jovens, não por falta de desejo de lá estudar, mas muitas vezes por precisar do trabalho para contribuir com a renda da família.

Já para os jovens do Bom Pastor e Granbery a Universidade Federal de Juiz de Fora é só o início de uma jornada acadêmica que inclui graduação e pós-graduação. Muitos deles pretendem sair da cidade em busca de oportunidades de estudo e trabalho. A. de 23 anos, moradora do bairro Granbery pensa que:

eu vou formar e meus planos é fazer mestrado que tem aqui na federal também. Mas tem outros lugares no Brasil que me interessam também, que são melhores que aqui né?! Mas se eu for ficar trabalhando só com a minha graduação aqui em Juiz de Fora, não dá. Não tem como manter uma família com 1000 reais por mês. Aqui em Juiz de Fora não dá! (A. entrevista ao NuGEA, 2010).

L. de 22 anos, também moradora do bairro Granbery complementa: “Dependendo da oferta de emprego, que é na nossa área né? Então, o que eu quero trabalhar na Geografia, Juiz de Fora não oferece, não tem muitas opções” (L. entrevista ao NuGEA, 2010). Para aqueles jovens que já formaram e que estão em busca de emprego a situação também não é diferente. R. de 23 anos, morador do bairro Bom Pastor afirma que:

em Juiz de Fora o mercado é muito restrito, a área que eu escolhi que é a área de concurso público aqui em Juiz de Fora tem muito pouco. Acredito que as grandes chances estão concentradas em grandes cidades como o Rio, São Paulo e Belo Horizonte (R. entrevista ao NuGEA, 2010).

D. de 23 anos também morador do bairro Bom Pastor, diz que:

eu formei em direito aqui em Juiz de fora, o mercado de trabalho tá saturado aqui, as opções são poucas, é difícil entrar no mercado, tem bastante advogado já atuando no mercado, pra começar num escritório que vai te dar uma remuneração muito pequena (D. entrevista ao NuGEA, 2010).

Nesse sentido, a cidade – em sua dinâmica econômica – torna-se uma limitadora para as aspirações dos jovens residentes no Bom Pastor e Granbery em função da sua maior qualificação profissional. Para eles precisa-se sair de Juiz de Fora para conseguir bons empregos. Já os jovens do Santo Antônio e Vila Esperança II são limitados a cidade e redondezas, uma vez que o horizonte de melhor emprego seriam fábricas e indústrias.

5. Considerações finais

A opção por uma discussão preliminar a respeito do que pensam os jovens de Juiz de Fora/MG sobre o trabalho, constituiu-se como um ensaio que não teve pretensões mais audaciosas no sentido de esgotarmos qualquer possibilidade sobre o tema.

Nessa direção, constatamos que as expectativas de trabalho, quando comparadas os jovens do Bom Pastor e Granbery e os do Santo Antônio e Vila Esperança II, são bem distintas. Em geral, os jovens de baixa renda trabalham sem carteira assinada e são vítimas de subemprego. Para aqueles que possuem maior renda a capacitação é o “trampolim” para uma vida profissional bem sucedida, uma vez que estes buscam graduação, pós-graduação, cursos complementares para se incluírem nas leis do mercado.

No Bom Pastor e Granbery a certeza de que é através do estudo que fará do jovem um cidadão bem sucedido e no Santo Antônio e Vila Esperança II vive-se a angústia do estigma e das poucas possibilidades que o cercam para se vislumbrar um futuro melhor.

A pesquisa aponta que os jovens entrevistados (em sua maioria) qualificam a cidade de Juiz de Fora como ruim quando relacionada à questão do emprego. Baixa remuneração, poucas ofertas de serviços, falta de concursos públicos, entre outros são fatores que fazem com que esses (principalmente os do Bom Pastor e Granbery) busquem oportunidades melhores em outras cidades. Os jovens dos bairros Santo Antônio e Vila Esperança II também idealizam uma profissão digna no futuro e alguns chegam a cogitar a mudança de cidade para que os seus desejos profissionais sejam realizados. Porém apesar de terem esses planos e acreditarem que todos esses sonhos são possíveis de serem realizados, somente 5% da amostra dos jovens de baixa renda estão no ensino superior e 70% estão presentes no mercado de trabalho.

Sendo assim, a questão do trabalho é uma das grandes preocupações da juventude e também o é no campo das políticas públicas para a juventude. É necessário desenvolver programas e ações que melhorem a situação atual, levando-se em conta o aumento da vulnerabilidade deste grupo social, a limitada oferta de oportunidades, e as especificidades da condição juvenil contemporânea.

Por fim, é importante salientar que atualmente jovens de todas as classes e situações sociais expressam inseguranças ao falar das expectativas em relação ao trabalho, no presente e no futuro. Eles vivenciam, de modo sofrido e dramático, o que alguns estudiosos têm chamado de “medo de sobrar” (NOVAES, 2007). O medo de não conseguir ‘vencer’ na vida; de não conseguir realizar as expectativas pessoais e da sociedade.

6. Bibliografia

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2004.

CAMPOS, Clecius. “Juiz de Fora tem pior índice de geração de emprego em março na história do Caged”. 2011 (In: <http://www.acesa.com/negocios/arquivo/noticias/2011/04/19-caged/> Acessado em 26/08/2011).

CASSAB, Clarice. “Das Correntes de Prometeu a Sociedade do Não-trabalho? Reflexões sobre a centralidade do trabalho a partir da juventude”. Libertas, Juiz de Fora, v.4, n. 1 e 2 jan/dez/2004 e v.5 n. 1 jan/julho/2005.

CASTRO, Jorge A. & AQUINO, Luseni (orgs.). J”uventude e Políticas Sociais no Brasil”. Texto para Discussão Nº 1335. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 2004.

GUIMARÃES, Nadya. “Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil”, in Abramo, Helena & Branco, Pedro (orgs.). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

Ministério do Trabalho e Emprego. Criação de empregos em julho de 2011 em Juiz de Fora cai 21% em relação ao ano passado. 2011. (In: <http://correiodobrasil.com.br/criacao-de-empregos-em-julho-de-2011-em-juiz-de-fora-cai-21-em-relacao-ao-ano-passado/283674/> Acessado em: 26/08/2011)

NOVAES, Regina. “Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas”. Revista Sociologia Especial – Ciência e Vida. São Paulo, outubro de 2007.